

## A INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ÂMBITO EDUCACIONAL ANOS INICIAIS

Luiz Gabriel Santana Buarque de Andrade<sup>1</sup>  
Davi Libânia de Melo<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este estudo teve como objetivo investigar como acontece a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista no Âmbito Educacional anos iniciais na rede pública de ensino na cidade da Escada. Foi possível identificar as práticas de inclusão ofertadas pela rede municipal de ensino, verificar em campo de pesquisa quais estratégias são utilizadas pelos professores que atendem as crianças com TEA e por fim, analisar se existe formação continuada dos professores envolvidos na perspectiva inclusiva. A pesquisa se justifica através da temática por meio das aulas expositivas, com os estágios supervisionados, ressaltando que a prática pedagógica é fundamental para aquisição do desenvolvimento cognitivo e socioemocional. A metodologia adotada foi de natureza qualitativa, que retratou na aplicação de questionários com duas professoras identificadas como P1 e P2, de uma escola municipal do município de Escada, localizada na zona rural. Este trabalho está fundamentado em (Salvini, 2019) e (Santos, 2023). Os resultados alcançados apontam que o principal problema enfrentado é a falta de formação contínua dos professores para desenvolver o processo de ensino-aprendizagem baseado nas atividades adaptadas. A conclusão enfatiza que é primordial o investimento em formação específica para os profissionais educativos, como também a necessidade da utilização dos recursos pedagógicos necessários para proporcionar uma educação inclusiva às crianças com especificidades, assegurando o crescimento e evolução no ambiente escolar.

2833

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva. Anos Iniciais. Autismo. Desafios Docentes.

**ABSTRACT:** This study aimed to investigate how the inclusion of children with Autism Spectrum Disorder occurs in the Educational Scope of early years in the public school system in the city of Escada. The specific objectives included identifying the inclusion practices offered by the municipal education network, verifying in the research field which strategies are used by teachers who serve children with TEA and analyzing whether there is ongoing training for teachers involved in the inclusive perspective. The theme is justified through expository classes, through supervised internships, with the aim of highlighting that pedagogical practice is fundamental for the acquisition of cognitive and socio-emotional development. The methodology adopted was qualitative in nature, which involved the application of questionnaires with two teachers identified as P1 and P2 from a municipal school in the municipality of Escada, located in the rural area. This work is based on (Salvini, 2019) and (Santos, 2023). The results obtained indicate that the main problem faced is the lack of continuous training for teachers to develop the teaching-learning process based on adapted activities. The conclusion emphasizes that investment in specific training for educational professionals is essential, as well as the need to use the necessary pedagogical resources to provide an inclusive education for children with specific needs, ensuring growth and development in the school environment.

**Keywords:** Inclusive Education. Early Years. Autism. Teaching Challenges.

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Faculdade da Escada – FAESC.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Educação – UFAL/2023.

## INTRODUÇÃO

A escola é o principal espaço para desenvolvimento das competências sociais e cognitivas das crianças, incluindo aquelas com Transtorno do Espectro Autista. A inclusão no âmbito escolar não deve se enquadrar a um mero ato obrigatório, mas sim como um meio a explorar as necessidades individuais com TEA, voltada a capacidade social de cada criança, novas habilidades e experiências coletivas, mediante a aprendizagem contínua. Em suma da defesa das adversidades e dos direitos humanos, suas ideologias, contexto global, econômico, social e cultural (Weizenmann, 2020).

No Brasil, a Constituição Federal de 1988, já postula em seu artigo 208, o atendimento educacional para as pessoas com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. Ainda assim, a defasagem perpétua no cenário Brasileiro. Em termos históricos nota-se a luta das pessoas com deficiência e seus familiares em nível mundial, através das convenções e declarações propostas (Weizenmann, 2025).

As elaborações das políticas públicas viabilizam ferramentas que apoiam os profissionais na atuação e na compreensão da inclusão escolar, enfatizando o ato democrático, com enfoque na adaptação das diferenças apresentadas por cada aluno com TEA. O professor tem um papel fundamental à agregar na evolução do ensino aprendizagem, ofertando conceitos didáticos e práticos. Surge a seguinte questão: Como acontece a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista no âmbito educacional anos iniciais?

2834

Possivelmente, deve-se conter a sensibilização e conscientização por parte da comunidade escolar, onde o professor requer a construção de vínculo com seus alunos, com base nas diferenças individuais apresentadas, buscando oferecer novas oportunidades que contribuam para seu desenvolvimento integral. O que envolve a formação baseada nas práticas pedagógicas, abrangendo novas expectativas e evolução educacional. A inclusão viabiliza novas oportunidades, a fim de promover autonomia e independência às pessoas com deficiências.

Partindo do pressuposto da hipótese, surge o seguinte Objetivo de Pesquisa: Investigar como acontece a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista no Âmbito Educacional anos iniciais na Rede Pública de Ensino na cidade da Escada. Para tanto, os Objetivos Específicos são: Identificar as práticas de Inclusão ofertadas pela Rede Municipal de Ensino. Verificar em campo de pesquisa quais estratégias são utilizadas pelos professores que

atendem as crianças com TEA e Analisar se existe formação continuada dos professores envolvidos na perspectiva inclusiva.

Justifica-se o tema em questão, por meio das aulas expositivas nos anos iniciais do Ensino Fundamental no município de Escada, através dos estágios supervisionados, com o intuito de ressaltar que a prática pedagógica é fundamental para aquisição do desenvolvimento cognitivo e socioemocional, desmistificando levantamento preconceituoso acerca das crianças com especificidades, à procura de uma sociedade igualitária e humanizada. Para então se trabalhar em conjunto, sem barreiras de segregação, assim sendo é fundamental que os professores estejam aptos no contexto escolar com apoio em sala de aula e recursos pedagógicos para prática docente.

Em sumo da conduta do professor, a Educação Inclusiva no cenário mundial deixou para trás o princípio organicista, passando a ser uma modalidade funcional, no qual todas as crianças irão permear do mesmo tempo escolar e espaços escolares, planeado à uma pauta obrigatória na sociedade Brasileira. Este processo de adaptação não diz respeito apenas ao contexto escolar, mas sim como uma maneira de promover tratamento médico, reabilitação vocacional, consulta com psicólogos, aparelhos para auxílio ortopédico e protéticos, ocupações e serviços que tenha um olhar integral para aperfeiçoamento do hábito social e construção do interesse do ensino-aprendizagem (Souza, 2018).

2835

Posto isso, estudos apontam que a relação social é quase inexistente, sendo retomada após a Segunda Guerra Mundial, com destaque na interação entre pais e crianças. Dessa forma, o avanço da educação inclusiva no Brasil se tornou um fator inquestionável, gerando novas produções de trabalhos e propostas teóricas atendendo a sua natureza e função, constituindo uma base fundamental no seu espaço sociocultural, utilizando recursos ambientais e pessoais na construção de consequências positivas no seu desenvolvimento intelectual.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### Histórico do Surgimento do Transtorno Espectro Autista

O termo autismo surgiu em 1911, mas através dos estudos por Leo Kanner e Hans Asperger, com pesquisas e aprofundamento nos déficits apresentados pelo transtorno, tornou-se bastante conhecido na década de 1940, passando a ser considerado como uma condição clínica, de caráter patológico.

O autismo compõe-se por uma tríade de impedimentos graves e crônicos na sua interação social, comunicação verbal, não verbal e seus interesses, podendo acontecer em qualquer classe social, racial ou cultural. Os distúrbios se iniciam desde o início da vida, contendo diferentes graus de comprometimento e graus de déficits associados. Os fatores ambientais é um dos principais riscos, como também a genética, que afeta tanto o desenvolvimento e gravidade do transtorno. (Lazzarini, 2022). Segundo Meltzer (1975, p.5) “Concebe-se a criança autista como vivendo em um estado mental marcado por uma insuficiente diferenciação entre estímulos provenientes do interior ou exterior do corpo, além da incapacidade de construir representações emocionais”. Como consequência, apresentam atitudes mais sérias, repudiam manter o contato visual, não respondem pelo seu nome e externam gestos para se comunicar.

A prevalência de casos no autismo é um dentre cada 54 nascimentos. No decorrer dos últimos anos houve um índice crescente de criança diagnosticadas com TEA, conhecido como epidemia do autismo. De acordo com Ortega (2009, p.6) “O modelo tradicional da educação tinha foco na cura, o conserto, a reparação ou melhoria dos déficits das crianças” Em contrapartida, sabe-se que uma boa inclusão é satisfatória quando atende as particularidades de cada aluno, considerando suas potencialidades e dificuldades, o que não é restrito apenas a avaliação da capacidade cognitiva.

2836

Um fator importante e envolvendo tanto as amostras clínicas, quanto as epidemiológicas foi que o autismo tem uma prevalência maior no sexo masculino do que no feminino, a proporção é através das variedades a respeito do grau e funcionamento intelectual de cada criança. De acordo com este fator, quando uma pessoa diagnosticada com TEA for uma menina, ela teria maior probabilidade de expressar prejuízo cognitivo grave (Klin, 2006).

O início da condição clínica sempre é perceptível antes dos 3 anos de idade, os pais começam a ir em busca solúveis a partir dos 12 e os 18 meses de vida, na medida que a função linguística e auditiva não se tem evolução, quando não apresentam interesse as habilidades lúdicas, além da rejeição a exploração sensorial dos brinquedos. O interesse social pode apresentar certa evolução ao longo do tempo, onde as crianças com maior comprometimento expressam poucos resultados.

## Estratégias e Práticas Docentes no Contexto Escolar

No âmbito nacional, o principal mecanismo de luta por uma educação inclusiva, pública ou privada, é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996, acerca do currículo, técnicas, recursos educativos, entre outros. O professor deve se adequar ao sistema educacional e a necessidade especial de cada aluno, trabalhando de forma sistemática e holística, afim de trazer benefícios que propagam uma educação igualitária, no intuito de conduzir as crianças a estágios e fases ainda não alcançados (Farias, 2008).

O processo de adaptação na escola é bastante difícil, para as crianças com deficiência ou não, o que envolve diversas manifestações emocionais. Séries de ansiedade dos pais e da criança, alterações na fala e deglutição, pouca capacidade na criatividade e habilidades específicas, rigidez acerca do comportamento escolar. Considerando-se superada a fase de adaptação, quando a criança busca a interação social em sala de aula, estando imersa na prática das atividades realizadas pelo professor (Santos, 2023).

O profissional deveria possuir excelência nas atividades trabalhadas com a criança TEA, por meio de formação contínua, se envolvendo com uma rede de apoio multidisciplinar, presença de monitores para auxiliar nas atividades e desenvolvimento psicossocial, adaptações curriculares, assim como medidas para facilitar a comunicação entre aluno e professor. Tal despreparo é causado pela formação insuficiente nas áreas especiais e discrepâncias de recursos educativos (Andrade, 2024).

2837

É de extrema importância oportunizar as crianças autistas o convívio com outras da mesma faixa etária de idade, reprimindo o isolamento contínuo. A literatura tem demonstrado que é existente à falta de qualificação nas escolas e dos professores para observação e aplicação pedagógica aos alunos. Os mediadores tendem a confundir a inclusão com a interação, sendo a falta de compreensão dos transtornos os que impossibilitam a identificação correta das necessidades de cada aluno (Camargo, 2009).

A ausência na formação inicial dos professores é um fator crucial no sentimento de incompetência pedagógica com os alunos autistas, cursado com a falta de cursos, materiais e informações específicas. O espaço escolar enquanto fonte de experiências positivas deve ser intensificado com o intuito do aprimoramento e envolvimento adequado no processo de inclusão escolar. O estudo de Rosin-Pinola e Del Prette (2014, p.7) “Enfatiza a formação de professores, embasada na necessidade de buscar aperfeiçoar os recursos voltados à formação e

assessoria para a inclusão. As alternativas práticas e sólidas devem levar em consideração os saberes e desafios no cotidiano do professor” Por intermédio, é fundamental ultrapassar tais dificuldades pontuais no ensino regular, se aprofundando no cunho prático, excedendo a escassez de aprendizagem para gerar novas medidas de objetividade.

### **Contexto da educação inclusiva e índice de crescimento das crianças com Transtorno do Espectro Autista nas escolas**

Diante dos anos 1998 e 2004, a Educação inclusiva ganhou destaque sendo fonte de matéria publicada no jornal OESP. Articulado a ingressão no processo de ensino regular, com a finalidade de buscar alcançar um grande índice de matrículas com os alunos público-alvo nas salas comuns. Estudos apontam com base na inclusão, que os maiores comprometimentos se apresentam na função intelectual e auditiva, no qual o docente precisa trabalhar de forma eficiente, afim de conquistar a permanência dos alunos e sucesso nas escolas. Diante disso, a Escola Brasileira deve passar por mudanças, propondo qualidade de ensino e transformação (Santos, 2018).

A declaração de Salamanca foi um marco fundamental para propagação de necessidades educativas para todos aqueles que precisariam de adaptação. Por trás da inclusão, as crianças também possuem concepções ideológicas, medo, desejos, vitórias, fatores que são esquecidos e muitas das vezes generalizado. Amaral (2004, p.6), traz argumentos que cursam com o mesmo ponto de vista, de que o olhar acerca das pessoas com deficiência é impor limitações: “O que conta é o pressuposto básico na cabeça do outro, de que o deficiente é sua deficiência” Desse modo, estas concepções precisam ser quebradas, definindo a deficiência como o alvo mais importante, ultrapassando obstáculos, para uma maior inserção de alunos nas escolas.

2838

O Atendimento Educacional Especializado- AEE, elabora atividades diferentes da prática em sala comum, eliminando quaisquer diferenciações para alcançar garantia na formação independente de cada aprendiz (Salvini, 2019). Como foco, busca o progresso fora, mas também dentro do contexto escolar. As crianças precisam estar ingressadas nas classes comuns, que é o ensino regular e no AEE que utiliza como abordagem diversos recursos com grandes variedades, objetivando impedir barreiras que interferiam no processo de educação, sendo empenhado aos estudantes com transtornos globais do desenvolvimento e aqueles com altas habilidades/superdotação.

No que se refere a nova política de inclusão escolar, é constituída em torno de 28 textos legais, juntamente no aprimoramento para avaliação da deficiência psicossocial explícita. Se referindo as documentações, traz consigo a maioria dos textos direcionados aos discentes com comprometimento, como também a análise da didática e direcionamento dos professores em sala de aula (Vidal, 2022). Posto isso, a produtividade precisa transcorrer da subjetividade para uma maior objetividade, desconsiderando a imposição de fronteiras que impossibilitem o crescimento e transformação das crianças no espaço colegial, propendendo a expansão dos alunos com deficiência, assim como o desenvolvimento de lacunas sem terminologias segregativas.

### Análise comportamental, habilidades, objetivos e resultados a serem alcançados

A terapia cognitiva comportamental tem se mostrado bastante eficaz na reabilitação dos transtornos que surgem na primeira infância. Quando adaptada as crianças, requer desenvolvimento cognitivo suficiente para que os trabalhos com as técnicas sejam positivos. Portanto, os portadores TEA de moderado a severo, exprimem o nível intelectual prejudicado, pois 70% das crianças possuem comprometimento, tornando necessário sua avaliação (Consolini, 2019).

2839

A TCC retrata uma excelente estrutura científica, sendo o método de intervenção amplamente mais pesquisado e aderido, substancialmente nos Estados Unidos da América e Canadá, a fim de promover qualidade de vida às crianças e bemestar social, indagando a modificação de comportamentos. Aumentar a motivação das crianças, fornecendo instruções claras e diretas, no sentido da aquisição de novas habilidades e experiências de vida (Sousa, 2020).

O êxito da intervenção engloba divergentes características principais, sendo necessário iniciar-se a partir dos 2 anos de idade. É viável determinar a duração, intensidade e abrangência da evolução, adaptando essas crianças com TEA ao contexto escolar e familiar. Auxiliar o meio de comunicação, exercitar a interação de forma crescente e com complexidade, restringindo os comportamentos inapropriados apresentados com maior frequência, tais como: gritar, ser rígido, graus de desinteresse e falta de atenção, com o propósito de buscar uma maior socialização com os pais, professores e colegas (Bosa, 2006).

A técnica busca identificar o perfil de cada aluno baseado nas experiências de vida anteriores. Suas estratégias requerem estruturação com base no planejamento, os profissionais se dedicam desde a promoção, onde as crianças têm a possibilidade de maior interação. Segundo (Todorov, 2010, p.2) “A Análise do Comportamento é uma tecnologia que se concerne pelo estudo das variáveis que influenciam os comportamentos, seu campo de atuação não se restringe exclusivamente na área do autismo, mas em âmbitos diversos, por meio da clínica psicológica, no processo educativo, na economia, no desempenho esportivo, entre outros”, logo percebe-se a importância do recurso terapêutico comportamental, resultando em ganhos diversos na proposta de intervenção.

A terapia comportamental requer delineamento experimental pautado. O crescimento das famílias em busca do tratamento é devido a viabilidade de resultados ofertados com eficácia, garantido uma excelente evolução no contexto pessoal e coletivo de cada criança (Benítez, 2019). À vista disso, faz-se necessário que os pais estejam atentos as particularidades e singularidades individuais dos seus filhos, pela necessidade de ofertar uma estimulação precoce e um excelente prognóstico, com base na progressão eficaz dos pequenos.

## METODOLOGIA

2840

A metodologia da pesquisa refere-se a resolver uma problemática de forma sistemática, contendo um conjunto de métodos e procedimentos utilizados para efetivar uma investigação científica e replicar às questões de pesquisa. Para Gil (2017, p.9) “O método científico é um conglomerado de variáveis intelectuais e técnicas aplicadas para estipular o conhecimento, sendo necessário a examinação dos passos para a sua constatação, ou seja, estabelecer qual método proporcionou chegar ao devido conhecimento”. Dessa forma, é recomendado mapear a estruturação da pesquisa, para formação e conexão da base de dados.

É a trajetória pelo qual o pesquisador estabelece e conduz o sentido do problema até a examinação e interpretação dos resultados. A metodologia é essencial para assegurar a legitimidade e segurança do recolhimento de dados, assim como possibilitar uma estruturação coerente e plausível ao processo de pesquisa.

A proposta de pesquisa pode ser ordenada como uma especulação de campo com aspectos qualitativos. Isso se deve ao eixo de recolhimento e investigação dos aspectos empíricos diretamente do contexto escolar da Rede Municipal de Escada, visando investigar

como acontece a inclusão de crianças com transtorno do espectro autista no âmbito educacional anos iniciais na rede pública de ensino na cidade de Escada.

Segundo Denzin e Lincoln (2020, p.6) “A pesquisa qualitativa circunda um desempenho interpretativo da população, o que designa que seus pesquisadores desenvolvam estudos respaldado em seus cenários naturais, pretendendo compreender os fatos em terminologias significativas no qual as pessoas que a eles conferem” Dessa forma, a pesquisa qualitativa focaliza uma análise circunstanciada e detalhada dos fenômenos sociais, salientando as relações individuais e grupais. De outro modo a pesquisa quantitativa, implica a construção de questionários onde são contabilizados divergentes índices de pessoas, buscando dados numéricos.

O estudo foi efetuado em uma Escola da Rede Municipal de Escada, localizada na zona rural da cidade. Esta instituição oferece um processo educacional para crianças do Ensino Fundamental, abrangendo os anos iniciais, anos finais e EJA. Com sete salas de aula, aproximadamente 280 alunos, treze professores, três banheiros, um corredor, uma biblioteca, sala dos professores, uma secretaria, uma dispensa, banheiro exclusivo para funcionários, uma cozinha para atender às necessidades dos alunos e funcionários. A escola atende alunos em períodos distribuídos pela manhã, tarde e noite. O corpo docente é composto por professores contratados, professor de apoio e profissionais administrativos, incluindo um diretor e uma coordenadora pedagógica.

2841

Os sujeitos desta pesquisa foram duas professoras. Para conservação de suas identidades, identificadas como P<sub>1</sub> e P<sub>2</sub>, atuam na escola da Rede Municipal na Zona Rural de Escada. A professora P<sub>1</sub> possui magistério, é formada em pedagogia e possui experiência há 10 anos na área. A professora P<sub>2</sub>, por sua vez, é graduanda em pedagogia, com pós-graduação em Educação Especial e inclusiva, possuindo 6 anos de experiência.

Essas docentes executam uma atribuição essencial no processo educacional dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, auxiliando na execução de práticas pedagógicas inclusivas e para o desenvolvimento social das crianças.

## ANÁLISE DOS DADOS

O processo educativo é um dever indispensável e a inclusão social precisa se estruturar a uma realidade primordial de ensino. A atuação do professor periodicamente não se articula a

este fator, em razão do grande índice de desafios apresentados, como a carência de materiais didáticos que visa favorecer suporte as crianças com especificidades, como também o despreparo educativo por não vivenciar o sistema da formação contínua para contemplar no avanço qualitativo de ensinamento. Diante disso, surge a seguinte questão: **Como acontece a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista no Âmbito Educacional anos iniciais?**

SUJEITOS	RESPOSTAS
P <sub>1</sub>	Antes de tudo, é necessário que aconteça uma adaptação, tanto no ambiente, como nas atividades e práticas da sala de aula. O suporte do apoio educacional faz com que o desenvolvimento aconteça de uma forma mais perceptível, aprimorando o processo de ensino dos nossos alunos.
P <sub>2</sub>	A inclusão de crianças com TEA nos anos iniciais é por meio de adaptações pedagógicas, uso de recursos, apoio especializado e formação dos professores. A escola deve garantir um ambiente acolhedor, promover a interação social e respeitar as necessidades individuais, utilizando estratégias como o ensino estruturado, comunicação alternativa e flexibilização curricular. Além disso, o Atendimento Educacional Especializado (AEE) pode complementar o aprendizado.

**Tabela 1:** Respostas das professoras.

2842

O sistema de inserção dos alunos na Educação inclusiva conta com divergentes lutas a serem alcançadas, segundo registrado pelas docentes. P<sub>1</sub> evidencia que a adaptação é o fator principal para trabalhar a eficiência de cada aluno com comprometimento em sala de aula, ou seja, tornar o espaço educativo mais receptivo. Ademais, destaca a negligência dos autistas no desempenho da socialização, devido a particularidade de cada um. Fornecer assistência ao apoio é crucial, conforme P<sub>1</sub>, para uma maior percepção dos indícios gerados no cotidiano escolar, recomendando elaborar uma proposta de intervenção em conjunto no dinamismo de inclusão, sem que haja intolerância e hostilidade.

Por outro lado, P<sub>2</sub> informa que além do processo de adaptação escolar e profissional de apoio, a escola deve se enquadrar as especificidades de cada aluno, afirma que as observações em sala também é responsabilidade da coordenação pedagógica e psicopedagoga, para evolução do PEI. A utilização dos recursos didáticos é crucial na qualificação de ensinamento. Ademais, o professor juntamente a comunidade docente deve estimular a flexibilidade curricular dos

autistas e inserir os mesmos nas salas de atendimento educacional especializado- AEE, o processo de inclusão é um dever de todos e não apenas restrito ao apoio.

Ambas as respostas indicam que o processo adaptativo é fundamental, embora seja preciso abordar outras propostas curriculares. O reconhecimento dessa análise vai além das dificuldades que são enfrentadas para que se tenha resultados significativos, impondo a construção de vínculo entre professor, família e aluno.

Perante os desafios mencionados na inclusão de crianças autistas nos anos iniciais no Município de Escada. Surge outra questão crucial: A busca de soluções dos responsáveis. Para identificar de forma eficiente como essa abordagem sensibiliza o processo de ensino e aprendizagem, foi perguntado às participantes: **Você tem conhecimento sobre a luta dos pais e familiares no processo de ensino-aprendizagem? Justifique.**

SUJEITOS	RESPOSTAS
P <sub>1</sub>	Sim, a luta dos pais e familiares no processo de ensino-aprendizagem dos alunos autistas é um desafio constante e envolve diversas barreiras, desde a busca por um ensino inclusivo de qualidade até o enfrentamento de preconceitos e falta de preparo das instituições escolares, recorrendo a outras demandas terapêuticas.
P <sub>2</sub>	Os pais enfrentam desafios como a falta de profissionais capacitados, resistência à inclusão, burocracias no acesso a serviços especializados e a necessidade de adaptação curricular. Muitas vezes, precisam lutar por direitos garantidos por lei, como acompanhamento especializado e suporte adequado na escola. Além disso, enfrentam dificuldades emocionais e financeiras, buscando constantemente alternativas para que seus filhos tenham uma educação de qualidade.

**Tabela 2:** Respostas dos professores.

2843

Após averiguar a colocação das professoras, obteve-se uma associação no esclarecimento das respostas, no que se refere ao enfrentamento diário da antipatia e prejulgamento, propriamente pelos responsáveis. A corporação escolar carece agregar novos mecanismos didáticos, planificado ao desenvolvimento intelectual dos alunos. P<sub>1</sub> e P<sub>2</sub>, reconhecem que a falta desses recursos no processo de ensino aprendizagem sensibiliza negativamente a atividade de inclusão.

P<sub>1</sub> destaca que os pais buscam criar e manter a rotina das crianças na escola, contribuindo nas orientações determinadas e objetivas. Assim como, relatam alto custo no decorrer dos procedimentos terapêuticos. Diante da inaptidão demonstrada pelas instituições

de ensino buscam a segurança, com o intuito de correlacionar seus filhos autistas na sociedade, acreditando na potencialidade dos mesmos.

Por outro lado, P<sub>2</sub> também concorda que a batalha dos pais é uma constância infinita, pois alguns dos casos de autismo não se exibem desenvolvimento na comunicação, causando atraso na fala, ou não se comunica de forma funcional, criando ansiedade nos pais. Outro fator, segundo a docente, é a ausência das formações específicas, impossibilitando que o ambiente escolar seja acolhedor e prático, devido ao despreparo profissional. Ela aponta que é preciso ter o conhecimento vasto sobre as singularidades do transtorno. Diante disso, a falta da formação continuada conta com educadores que estão propícios a deslizes e erros no propósito da inclusão.

Em resumo, tanto P<sub>1</sub> quanto P<sub>2</sub> concordam que a ausência de conhecimento dos professores influenciam desfavoravelmente na aquisição de novas habilidades e aprendizagem no desempenho escolar. Entretanto, as resoluções das mesmas explicitam que a formação atual, apesar de benéfica, não consegue alcançar o índice preciso que assegure o mecanismo da inserção igualitária e a assistência adequada às precisões dos alunos autistas, ressaltando a eficiência na preparação contínua para qualificação do docente. Nesse contexto, (Moura et al., 2023, p.1) distingue “O estudante com autismo apresenta grandes características próprias e desafios únicos, tornando imperativo que os professores estejam devidamente capacitados para compreender e lidar com tais adversidades” Sendo assim, é enriquecedor pontuar a utilização de novas estruturas e tecnologias no incentivo da educação, promovendo idealizar a prática pedagógica.

2844

Em virtude da observação direta das docentes sobre a ausência de formação específica dos professores, é preciso identificar quais são as medidas cabíveis para enfrentar os desafios no cotidiano escolar. Nesta ocasião, perguntou-se: **Na atualidade, a escola conta com a formação continuada para o profissional de apoio e autenticidade do professor de ensino regular para trabalhar com os desafios apresentados por cada criança com deficiência?**

SUJEITOS	RESPOSTAS
P <sub>1</sub>	Infelizmente essa formação não acontece em todas as escolas de forma efetiva, mesmo a legislação determinando a necessidade e a importância dessa qualificação, principalmente para os alunos com TEA.

P <sub>2</sub>	<p>Algumas redes de ensino oferecem formação continuada para professores e profissionais de apoio, mas essa prática não é universal. A falta de políticas públicas consistentes e de programas bem estruturados pode resultar na ausência de capacitação adequada. Quando disponível, a formação continuada contribui significativamente para o desenvolvimento de estratégias eficazes, ajudando os professores a lidar melhor com as necessidades de alunos com deficiência, incluindo aqueles com TEA.</p>
----------------	---

**Tabela 3:** Respostas dos professores.

A partir das respostas de P<sub>1</sub> e P<sub>2</sub>, identificam que é extremamente significativo o processamento da formação continuada, porém é existente o desleixo em algumas entidades educativas. Outro fator seria a desqualificação dos profissionais de apoio, sem especialização profissional estando indeterminado, em sumo do desenvolvimento qualitativo e competência dos alunos. P<sub>1</sub> destaca que, mesmo que seja transmitida as habilidades, planteiam insuficiência em virtude do transtorno apresentado, devido à falta de busca no ensino-aprendizagem. Essa atuação infelizmente reduz o avanço expressivo das crianças com necessidades especiais, em contra direção ao método inclusivo.

Segundo Nogueira e Borges (2021, p.3), “A formação continuada desempenha um excelente papel no avanço da qualidade de ensino, afim de propor atualizações constantes e melhoria das práticas pedagógicas” Por conseguinte, diante dos fatos, é preciso que os educadores mantenham seu conhecimento atualizado, principalmente para mediar as habilidades e autoconfiança da criança TEA. P<sub>1</sub> informa a eficácia dessa competência que irá desenvolver contextos mais exigentes no aspecto da inovação, ocasionando impactos positivos na transformação entre professor-aluno.

Por outro lado, P<sub>2</sub> reforça que esse mecanismo de preparo não é tomado de maneira coletiva. As polícias públicas apresentam um dever essencial na implementação de transições gradativas, arquitetado as propriedades ambientais e socioculturais do TEA. A professora noticia que esses indivíduos precisam da constância de estímulos à criatividade, evoluir os aspectos socioemocionais e se adentrar às tecnologias instrutivas, conceituando um excelente futuro de inclusão, pois são existentes leis e organizações que asseguram essa narrativa.

Mediante isto, precisa-se especular o posicionamento da instituição, voltada à conduta do discente, constituindo a finalidade de impor crianças autistas na rede regular. Ainda assim, é imprescindível identificar quais serão as providências adotadas que assegurem a inclusão

como prática pedagógica, como também avaliar se vivenciam táticas convenientes para sustentar as demandas individuais dos autistas, propondo atendê-los de forma absoluta e precisa. Para tal, perguntou-se: **A comunidade escolar oferece novas oportunidades para desenvolvimento integral, autonomia e independência dos alunos com TEA?**

SUJEITOS	RESPOSTAS
P <sub>1</sub>	Isso depende diretamente do comprometimento da escola, dos profissionais da educação e das políticas inclusivas adotadas. Temos salas de recursos chamadas de AEE onde os alunos frequentam no contraturno das aulas.
P <sub>2</sub>	Algumas instituições desenvolvem projetos inclusivos que favorecem a autonomia dos alunos com TEA, como ensino por meio de rotinas estruturadas, estratégias visuais, suporte de profissionais especializados e atividades que incentivam a socialização. No entanto, ainda há escolas que enfrentam desafios na implementação de práticas inclusivas, seja por falta de formação dos professores ou de recursos adequados.

**Tabela 4:** Respostas dos professores.

Acerca do posicionamento de P<sub>1</sub> e P<sub>2</sub> exibem que as resoluções dessa problemática é devidamente uma obrigatoriedade da comunidade escolar, a fim de especular quais são as irregularidades que exprimem à produção das atividades orientadas. Indagam que é insuficiente a busca dos autistas pelo contexto social, em virtude das práticas que não são adotadas pelos educadores e instituições. É fundamental possuir didática, onde o docente precisa trabalhar com uma linguagem direta e simples, aprimorar as atividades lúdicas, promovendo direito inclusivo e convivência com os outros colegas.

2846

Conforme os estudos de Mantoan (2022, p.7), “A educação inclusiva é intransigente para defender o acesso integral de todos os alunos à educação, constituindo um norte a hospitalidade absoluta, essa acolhida visa ultrapassar os direitos que assistem ao TEA, para mantê-los ainda mais fortes” Assim sendo, recomenda-se adotar esse cenário, perpetuando de funções amplas frente às transformações sociais, com base na dinâmica constante. É crucial, repensar as abordagens que serão utilizadas, embasado em atualizações permanentes.

Tais posicionamentos exprimem a necessidade do processo de inclusão, ressaltando sua importância, onde a atuação do professor vai além do ambiente escolar, buscando integrar todo corpo docente para constante evolução. Os pais, por sua vez, devem se posicionar mediante as exigências da capacitação, onde o profissional responsável por seu filho precisa estar apto, com

base na garantia dos direitos humanos. A inclusão é um sistema que não irá beneficiar apenas as crianças com deficiência, mas agregar em experiências educativas para todos os envolvidos.

No entanto, é de suma importância especular quais medidas são tomadas para efetividade da implementação desses direitos no contexto real das escolas. Diante disso, surge a seguinte questão: **Quais são as estratégias e práticas do professor em sala de aula no processo de inclusão nos anos iniciais?**

SUJEITOS	RESPOSTAS
P <sub>1</sub>	O professor a princípio estabelece um vínculo com a criança nas primeiras semanas, para que a criança não o veja como apenas um depósito de demandas e atividades. Depois propõe atividade simples que ele consiga realizar e após vai aumentando as atividades gradativamente. O planejamento de aula é importante nessa questão para elencar o que foi proveitoso ou não, também priorizamos a formação continuada na área de educação especial, pois hoje há diversos meios tecnológicos onde o professor pode se especializar ajustando ao seu tempo, essa falta de conhecimento não cabe mais no mundo atual e principalmente no contexto escolar. Uma formação que é de extrema valia para o preparo para atuar com uma criança atípica é a ABA onde qualquer profissional pode se aprofundar mais sobre o assunto independente de atuar na escola, clínica ou hospital.
P <sub>2</sub>	Professores podem utilizar estratégias como rotinas visuais, comunicação alternativa, ensino estruturado, adaptação de atividades e incentivo à interação entre os alunos. Além disso, o uso de reforço positivo e um ambiente tranquilo ajudam no aprendizado. No entanto, muitos docentes relatam falta de formação específica sobre TEA, o que pode dificultar a aplicação de práticas inclusivas eficazes. A formação continuada e o suporte da equipe multidisciplinar são essenciais para suprir essa lacuna.

**Tabela 5:** Respostas dos professores.

2847

Tal abordagem partiu do posicionamento de Oliveira (2020, p.3), ao afirmar que “a inclusão de crianças autistas nas escolas públicas se tornou uma pauta importante na atualidade, marcada por leis, portarias e normativas que regulamentam e conduzem as práticas adequadas na educação inclusiva e especial” Conforme o ponto de vista, as fundamentações embasam o acesso e oportunidades a todos, no intuito de proporcionar espaço aos discentes que são esquecidos, pois as diferenças apresentadas não é apenas econômicas, sociais e culturais, engloba todo o indivíduo, seus aspectos físicos, idade, além dos níveis de aprendizagem. Dessa forma, esta é a circunstância que a escola está inserida, sendo conveniente atribuir estabilidade a todos.

O foco das resoluções pesquisadas simbolizam grandes expectativas em relação a defesa do poder legítimo que acobertam o TEA. P<sub>1</sub> reconhece que, os professores precisam adequar suas atividades em sala de aula e tornar o ambiente lúdico. A evolução das tarefas devem ir de acordo com o nível intelectual de cada aluno, adaptando a forma de comunicação. Ainda que possua suporte teóricos intervindo no método de assistência, a atuação estima incitações, somado ao desprovimento dos recursos e déficit no preparo educacional.

Em contrapartida, P<sub>2</sub> explora diferentes recursos para desenvolver o ensino aprendizagem. Acentua também, que aos pais precisam adequar seus filhos com reforço positivo, um ambiente tranquilo e adaptação de suas atividades. A instituição precisa repassar grande dedicação ao autismo, afim de alcançar às expectativas individuais de cada criança, observando quais deficiências funcionais e psicossociais se faz presente. Dessa forma, a comunidade escolar deve passar por reuniões e se integrar como multiprofissionais, a direção, coordenação, professores, equipe de apoio, além dos que não estão imersos nas escolas, que adentram em geral na incapacidade do autista. Com isso, toda dedicação como sustento ao TEA, frisa a atuação do processo de inclusão e bem-estar social dos pequenos.

Portanto, P<sub>1</sub> indica que as lutas precisam ser ultrapassadas, principalmente a formação dos professores para desenvolvimento integral dos autistas. Afirma também que a terapia comportamental é um coadjuvante essencial na mudança de hábitos e ações na escola. Por outro lado, P<sub>2</sub> entende que apesar da escassez notória no ambiente educacional, o professor deve compreender a gama de dependência apresentada, passando a utilizar suas estratégias, embora esteja inserido numa unidade de limitações. Dessa forma, nota-se o esforço e a dedicação da escola em atender às necessidades educacionais das crianças autistas, mesmo com uma gama insuficiência, como a falta de recursos didáticos e formação contínua.

2848

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo investigar os desafios enfrentados para a inclusão de crianças autistas nos anos iniciais na rede de ensino municipal de Escada-PE. A base de dados com a abordagem dos questionários ressaltam inúmeras singularidades em relação ao regime de inclusão escolar. A desenvoltura da educação inclusiva permeia de impactos observados na prática docente, como o desvio fundamental do conhecimento, além da ausência de formações.

Os profissionais apresentam medo, insegurança e incompetência. Logo, é inevitável reforçar a preparação nas atividades de formação continua.

Os resultados obtidos apontam a ausência de conhecimento dos professores sobre o transtorno, trazendo consequências negativas na adaptação das atividades a serem realizadas no ensino regular. Verifica-se que a criança autista engloba variados déficits que vai além da comunicação, como manias, movimentos repetitivos, apego as rotinas e principalmente dificuldade na interação e socialização em sala. A instituição, juntamente com os profissionais capacitados, precisam estipular novas estratégias e metodologia de ensino, afim de proporcionar o processo educativo de maneira igualitária, respeitando a unicidade de cada aluno.

Outro fator indispensável, é a carência dos materiais didáticos para aprimoramento do ensino-aprendizagem. A falta desses recursos impossibilitam a aplicação educativa eficaz do professor, desfavorecendo o recinto escolar voltada a inclusão. É necessário tangenciar essa problemática, instituindo a elaboração de um ambiente apto para eficiência das práticas pedagógicas, rompendo a dificuldade na relação social, retardando manifestações comportamentais e reduzindo a apresentação dos comportamentos atípicos composto pelo TEA. Ainda que seja notório o empenho no ajuste curricular dos discentes, a disparidade dos recursos reduz gradativamente a prestabilidade das atuações inclusivas.

2849

A observação evidenciou que mesmo com o processo escolar, realizando as atividades inclusivas, capacitação para aperfeiçoamento dos professores e as adaptações para um ambiente integral, são existentes irregularidades que carecem ser atendidas, pensando na complexidade exposta no transtorno. O propósito é uma abordagem holística objetivando semelhança nos direitos a serem atendidos, sejam crianças atípicas ou não, mas a prestabilidade do método utilizado pelo docente pode ser restrito pelo cenário desfavorável contido na escola.

A pesquisa confirmou que ainda que se tenha fundamentação teórica para assegurar a universalidade de oportunidades educacionais, a execução dessa prática deve ultrapassar a diversidade de desafios. Sendo assim, é viável proporcionar um investimento maior nas formações contínuas para os educadores, como também alcançar novos materiais pedagógicos para vivenciar as estratégias impostas pelo professor, é fundamental pôr em prática as políticas educativas, garantido acessibilidade democrática.

Este trabalho tem como objetivo oferecer formações continuadas para a rede de ensino do município de Escada, com ênfase na melhoria das práticas pedagógicas. A pesquisa será direcionada para a Secretaria de Educação do município, visando a implementação de formações específicas para os docentes, orientações pedagógicas e adaptações curriculares, com foco no público-alvo da educação inclusiva.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, L. A. **Resgatando o passado:** deficiência como figura e vida como fundo São Paulo: Casa do Psicólogo. 2004.
- ANDRADE, Aurélio Matos *et al.* **Recursos educacionais para estudantes com transtorno do espectro do autismo (TEA):** síntese de evidências qualitativas. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 28, 2024.
- BENITEZ, Priscila; DOMENICONI, Camila; BONDIOLI, Ricardo M. **Delineamento experimental em Análise do Comportamento:** discussão sobre o seu uso em intervenções educacionais inclusivas. *Psicologia USP*, v. 30, 2019.
- BOSA, Cleonice Alves. **Autismo:** intervenções psicoeducacionais. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 28, suppl 1, p. s47—s53, maio 2006.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Brasília: Senado Federal, 1996. 2850
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidência da República. 1988.
- CAMARGO, Síglia Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. **Competência social, inclusão escolar e autismo:** revisão crítica da literatura. *Psicologia & Sociedade*, v. 21, n. 1, p. 65-74, abr. 2009.
- CONSOLINI, Marília; LOPES, Ederaldo José; LOPES, Renata Ferrarez Fernandes. **Terapia Cognitivo-comportamental no Espectro Autista de Alto Funcionamento:** Revisão Integrativa. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, v. 15, n. 1, 2019.
- DENZIN, N. K; LINCOLN, I. **O planejamento da pesquisa qualitativa:** teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2020.
- FARIAS, Iara Maria de; MARANHÃO, Renata Veloso de Albuquerque; CUNHA, Ana Cristina Barros da. **Interação professor-aluno com autismo no contexto da educação inclusiva:** análise do padrão de mediação do professor com base na teoria da Experiência de Aprendizagem Mediada (Mediated Learning Experience Theory). (*Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 14, n. 3, p. 365-384, dez. 2008).
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 2017.

KLIN, Ami. **Autismo e síndrome de Asperger:** uma visão geral. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 28, suppl 1, p. s3—sii, maio 2006.

LAZZARINI, Fernanda Squassoni; ELIAS, Nassim Chamel. **História Social e Autismo:** uma Revisão de Literatura. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 28, 2022.

MANTOAN. Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** / São Paulo: Moderna, 2002.

MELTZER, D., Bremer, J., Hoxter, S., Weddell, D. & Wittenberg, I. **Explorations in autism: A psycho-analytical study** Strath Tay: Clunie. 1978. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/4b8ymvyGp8R4MykcVtD49Nq/?lang=pt#:~:text=Conce%e0%2Dse%20a%20crian%C3%A7a%20autista,incapacidade%20para%20construir%20representa%C3%A7%C3%A7%C3%B5es%20emocionais>. Acesso em: 21/03/2025.

MOURA, T. L. D. et al. **Trajetória educacional de estudantes com autismo e deficiência intelectual:** avaliação de leitura, escrita, matemática e comportamento verbal. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 29, e23010, 2023.

Nogueira, A. L., & Borges, M. C. **A BNCC-Formação e a formação continuada de professores.** *Revista On-line de Política e Gestão Educacional*, 25(1), 188-201. <https://doi.org/10.22633/rpge.v25i1.13875>. 2021.

OLIVEIRA, F. L. **Autismo e inclusão escolar:** os desafios da inclusão do aluno autista. *Revista Educação Pública*. V. 20, n. 34, 08/09/2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br>. Acesso em: 19-03-2025. 

---

ORTEGA, F. **Deficiência, autismo e neurodiversidade.** *Ciência & Saúde Coletiva*, 14, 67-77. 2009.

ROSIN-PINOLA, Andréa Regina; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. **Inclusão escolar, formação de professores e a assessoria baseada em habilidades sociais educativas.** *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 20, n. 3, p. 341-356, set. 2014.

SALVINI, Roberta Rodrigues. **Avaliação do Impacto do Atendimento Educacional Especializado (AEE) sobre a Defasagem Escolar dos Alunos da Educação Especial**, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ee/a/cPK5nWbDbfvn33T6tnqYYnh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20/03/2025.

SANTOS MARTINS, Juliana; PIMENTEL HÖHER CAMARGO, Síglia. **A adaptação de crianças com autismo na pré-escola:** estratégias fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 104, p. e5014, 18 abr. 2023.

SANTOS, Keisyani da Silva; MENDES, Enicéia Gonçalves. **A História da expansão da inclusão escolar e as demandas para o ensino comum veiculadas por um Jornal.** *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 24, spe, p. 117-134, 2018.

SOUZA, A. **A conduta do professor e a Educação Inclusiva no cenário mundial.** v. 14, n. 1, p. 70-79, 2018.

SOUZA, Edison Roberto. **O lúdico como possibilidade de inclusão no Ensino Fundamental.** Revista Motrivivência, v. .8, n. 9, 2020.

TODOROV, J. C. **Schedules of cultural selection:** Comments on “Emergence and Metacontingency”. Behavior and Social Issues, 19, 86-89. 2010.

VIDAL SANTOS, Régia; MACEDO, Eunice; FERREIRA MAFRA, Jason. **Autismo na escola:** da construção social estigmatizante ao reconhecimento como condição humana. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 103, n. 264, 22 ago. 2022.

WEIZENMANN, Luana Stela; PEZZI, Fernanda Aparecida Szareski; ZANON, Regina Basso. **Inclusão escolar e autismo:** sentimentos e práticas docentes. Psicologia Escolar e Educacional, v. 24, 2020.